

José Cardoso Pires – nota biográfica e bibliográfica

Nasceu a 2 de Outubro de 1925 em São João do Peso, na Beira Baixa, **mas enjoava o campo em geral, a Beira em particular: dizia que praticamente todo o mal português, a começar por Salazar e a acabar na burguesia, vinha daqueles ares.** Lisboa convicto, cresceu em Arroios, a fazer toda a gazeta que podia à escola primária nº 14, no Largo do Leão. **Ao tempo do liceu (*Camões, 1935-1944*) continuava a preferir a companhia dos mais conceituados carteiristas da Almirante Reis à dos colegas de carteira.** Coleccionava já os cromos vivos das suas futuras histórias. No 6º ano sofreu um ataque súbito de paixão pela História das Ciências, que lhe compôs as notas e o arrastou para o Curso de Matemática. Ao terceiro ano, fartou-se e embirrou com um professor de Química e transferiu-se para a Marinha Mercante, onde recolheu diversas aventuras de marear. Entretanto, tornou-se **intérprete de inglês** numa companhia de aviação e começou a traduzir livros policiais.

Dedica-se seguidamente à edição e ao Jornalismo. Funda em **1949**, com Victor Palla a colecção Os Livros das três Abelhas. Em 1949, é redactor e chefe de redacção da revista Eva. Em **1959**, funda e dirige a revista Almanaque. Em **1968**, está à frente do suplemento literário - e depois da Mosca - do Diário de Lisboa, de que viria a ser Director-adjunto em **1974**.

Foi **professor de literatura**, no King's College, em Londres, entre 1969 e 1971, onde se tornaria amigo de Mário Vargas Llosa e de Gabriel García Marquez. *Sempre se guiou pela lei anglo-saxónica que manda agarrar o leitor pela gola do casaco e empurrá-lo para dentro do livro - mas educadamente...*

Aos 24 anos, publicou os Caminheiros e outros Contos (1949), graças à amizade de Mário Dionísio, Alves Redol, Alexandre O'Neill e Armindo Rodrigues. Contou sempre com o apoio dos **neo-realistas**... durante a ditadura foi militante do PCP, de que se desvinculou depois do **25 de Abril**. Mas fugiu sempre do *esquematismo programático daquela corrente literária*.

Foi no atelier de Júlio Pomar que descobriu **Edite** "Esquilo", a grande mulher da sua vida.

Em 1952, publicou Histórias de Amor, vítima da censura.

Em 1968, publica O Delfim, grande fresco sobre a sociedade portuguesa. O segundo grande fresco data de **1978**, Alexandra Alpha, romance que pela inquietação, *o afasta definitivamente dos trilhos do neo-realismo* e o afirma como voz absolutamente inclassificável na literatura contemporânea.

Em 1982, publica A Balada da Praia dos Cães.

Em 1997, publica De Profundis, Valsa Lenta e Lisboa, Livro de Bordo.

E ainda:

Em 1958, O Anjo Ancorado.

Em 1960, O Render dos Heróis (teatro).

Em 1963, Jogos de Azar (contos).

Em 1963, O Hóspede de Job.

Em 1972, Dinossauro Excelentíssimo (fábula).

Em 1977, E Agora José? (ensaio).

Em 1979, O Burro-em-Pé (contos).

Em 1980, Corpo-Delito na Sala dos Espelhos (teatro).

Em 1988, A República dos Corvos (contos).

Em 1994, A Cavalinho no Diabo (crónicas).

**

A conferencista Maria Lúcia Lepecki recomenda a leitura de **Os Reis Mandados**, conto que faz parte da obra O Burro-em-Pé, de 1979.